

Um profeta de corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o «Sapateiro Santo» (1516-1576)

José Adriano de F. Carvalho *

I. *Ainda que Simão Gomez nunca aprendeo a ler nem a escrever (e já pode ser que o fizesse por sua mayor humildade), contudo, como desde menino se deu tam deveras á virtude e espíritu, comunicou-lhe nosso Senhor tanto lume da vida espiritual e dos mystérios de nossa santa fé que pessoas religiosas bem doutas e versadas na escola do espírito que o conversavão, se espantavam do grande lume, conhecimento e comprehensão que tinha de todas as matérias divinas e humanas que com elle ou a caso ou de propósito se tratavam e pello muito que concebiam da sua prudência e santidade se aconselhavam com elle e seguiam seu parecer...* (M. da Veiga, Tratado..., II, 1)

II. *Foy sempre estyllo de Deos descobrir a seus servos e amigos em demonstração de estima em que os tem e pera obrigar aos homens a reconhecerem nelles hũa cousa como divina seus secretos juizos que determina dar a execução no mundo [...] Este estyllo guardou Deos nosso Senhor com Simão Gomes a quem descobrio muitas vezes muitas cousas que estavam ocultas e ausentes e outras que haviam de acontecer pelo tempo adiante ...*(Id., I, 14)

São dois textos do *Tratado da Vida, Virtudes e Doutrina Admirável de Simão Gomes, Português, vulgarmente chamado o «Sapateiro Santo»* composta pelo jesuíta Manuel da Veiga (o da Vila Viçosa) à volta de 1620

* Universidade do Porto.

com apontamentos de várias testemunhas, entre elas o célebre pregador e mestre da «Doutrina» Inácio Martins, também da Companhia, e Fr. Vicente de Lisboa, jerónimo, que fora criatura do biografado... Publicada em 1625¹, incluindo uma «Segunda Parte», que, tanto quanto possível, queria ser a transcrição de alguns dos *dicta spiritualia* de Simão Gomes², essa *Vida* é um dos mais singulares documentos para completar e compreender não só algumas das zonas mais anónimas da espiritualidade da segunda metade do século XVI em Portugal, inclusivamente a de certos círculos onde se cruzam, quase sempre sem se fundirem, linhas de alumbradismo, recolhimento e «dexamiento», etc.,³ mas também a oposição que lhes foi movida por tantos, como o próprio Simão Gomes, por alguns considerado *algoz e perseguedor delles*⁴.

Não é, porém, sob este aspecto que nos interessa aqui o *Tratado da Vida* do «Sapateiro Santo»; nem sequer sob o da sua tardia utilização *pro causa* sebastica, nem, muito menos, o das razões que moveram a ira do autor da *Dedução Cronológica*⁵ e que tiveram como consequência a condenação ao fogo, em 1768, de uma obra que em alguma das suas páginas é uma das mais rasgadas apologéticas da Companhia de

¹ A primeira edição é de 1625 (Lisboa, Matheus Pinheiro); houve depois uma em 1673 (Lisboa, Francisco Vilela); outra em 1723 (Pedro Ferreira) e, finalmente, uma outra em 1759 (Lisboa, José Filipe), o que pode sugerir uma certa difusão da obra, embora em texto tipograficamente descuidado, já que todas as edições repetem sistematicamente os mesmos erros e faltas. (Citaremos sempre pela ed. de 1673).

² Simão Gomes é personagem bem conhecida, mesmo se de forma um tanto dispersa, e exemplar por crónicas, obras morais e, naturalmente, por alguma literatura restauracionista, conjunto bibliográfico procuraremos assinalar em nota.

³ Dias, José S. da Silva, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1960, I(1), pág. 363-407 apresenta o melhor quadro sobre o estado da questão, ainda que hoje talvez conviria acentuar um pouco mais as marcas do *Recogimiento*, mesmo de tons popularizantes, em desfavor do alumbradismo.

⁴ Segundo o depoimento de um Basílio de Campos na Inquisição (Proc. 3347) em 1570, in Dias, José S. da Silva, *Correntes de Sentimento Religioso...*, ed. cit., I(2), pág. 609. No *Tratado da Vida...*, ed. cit., I, 8, pág. 40-41 M. da Veiga oferece alguns elementos sobre essa oposição de S. Gomes e depois (II, 15, pág. 184-194) precisa e completa, transcrevendo, ao parecer, notas do P. Inácio Martins, o que seu biografado *julgava de algũas pessoas que vãmemente se davão a hũa vida que chamavam iluminativa ou unitiva...*

⁵ Silva, J. Seabra da, *Dedução Chronologica e Análitica na qual se manifestam[...]*os Horrosos Estragos que a Companhia Denominada de Jesus fez em Portugal...**, Lisboa, Miguel Menescal da Costa, 1767, I, pág. 98-107; Seabra da Silva, que, talvez, das quatro eds. da obra apenas terá conhecido a *maliciosa* edição de 1759, dominava, qualquer que seja a distorção a que os submete, muito bem os textos que maneja, percebeu que a *Crónica da Companhia de Jesu da Província de Portugal*, do P. Baltasar Telles (ed. cit. II, 5, 46, pág. 470-474) é uma boa fonte para precisar, com base em tradições e documentação da Companhia, algumas alusões e testemunhos apontados por M. da Veiga.

Jesus⁶. Aqui, a obra do P. Manuel da Veiga interessa-nos pelas consequências que desenvolve a partir dos princípios enucleados nos dois extractos citados: o alto conceito em que era tida a sabedoria (não ciência) espiritual de Simão Gomes e, quase como consequência, a sua santidade, demonstrada esta também pelos seus carismas proféticos... Se todo o *Tratado da Vida* é uma exposição destinada a patentear a santidade de Simão Gomes pela prática heróica das virtudes e da sua fidelidade à Igreja, os textos referidos vêm explicitamente apoiados no testemunho de muitos que o ouviram e se aproveitaram dessa sabedoria — religiosos, teólogos como Marcos Jorge ou Inácio Martins..., o Doutor Diogo Paiva de Andrade..., Fr. Bartolomeu dos Mártires ... talvez mais mesmo o Mestre Gaspar de Leão, futuro arcebispo de Goa...⁷, o P. António de Abreu, também da Companhia ..., o rei D. Sebastião..., o infante D. Luís..., o cardeal D. Henrique..., o duque de Aveiro..., D. Luís Coutinho, senhor de Almourol..., D. Álvaro de Meneses..., D. Beatriz da Silva..., a marquesa de Vila Real, etc.⁸... Todos eles frequentaram, admiraram ou recorreram à sabedoria humana ou espiritual de Simão Gomes e todos eles, de formas diversas e com insistências mais ou menos prementes, o protegeram e/ou o quiseram a viver nos seus paços para o ter junto de si, o que, assinalemos, Simão Gomes sempre evitou tal como se recusou a deixar o seu humilde officio... Filho de sapateiro, sapateiro santo quis morrer⁹... É esta situação de alguém bem inserido — familiar mesmo — na corte, esse espaço complexo que o seu caso nos adverte não ser apenas o lugar de

⁶ *O Catalogo dos Livros Defesos neste Reino desde o Dia da Criação da Real Mesa Censória até o Presente*, in Marques, Maria Adelaide S., *A Real Mesa Censória e a Cultura Nacional. Aspectos da Geografia Cultural Portuguesa no Século XVIII*, Coimbra, 1963, pág. 201 assim o declara e Inocêncio F. da Silva in *Diccionario Bibliographico Português*, (Lisboa, Imprensa Nacional, 1862), VI, pág. 121-122, afirma que, *dilacerado, foi efectivamente, queimado na Praça do Comércio em 14-VI-1768*. Sobre os elogios à Companhia de Jesus, para além do que fica referido, conf. *Tratado da Vida*..., II, 11, pág. 165-169.

⁷ Dizemos «talvez», porque o autor do *Tratado da Vida*... não o nomeia entre as inidividualidades que com S. Gomes se consultavam; no entanto, refere que, em Évora, S. Gomes mantinha estreita amizade com o castelhano *Pero Rodriguez, casado com uma sobrinha do que foi arcebispo de Goa, por nome D. Gaspar* (I,7, ed. cit. pág. 33-34): Ora, Gaspar de Leão foi cônego de Évora desde 1551 até 1557, ano este último em que foi eleito bispo auxiliar do Cardeal Henrique, donde passou a arcebispo de Goa em 1559 (1560), quadro que permite que bem conhecesse Simão Gomes que, por então, era Corrector nos Estudos do Colégio da Companhia em Évora.

⁸ D. Brites de Vilhena, duquesa de Coimbra e mulher do Mestre de Santiago, D. Jorge, foi uma protectora insigne de Simão Gomes, mas como faleceu em 1535 não a podemos, obviamente, incluir nesta lista.

⁹ Veiga, M. da, *Tratado da Vida*..., I,6, pag. 18; I,8, pág. 38; I,9, pág. 46.

cortesãos, galantes ou não, e de burocratas ¹⁰..., que faz dele um típico exemplo de profeta de corte, isto é, de alguém que, um tanto a contra gosto, se vê solicitado, em razão do seu carisma, para se dirigir à corte — rei e cortesãos — a fim de os orientar — política ou espiritualmente — e nela alcança a sua consagração como intérprete de segredos juízos divinos, consagração verificável não só episódicamente — como tantos outros — ou nos seus dias, mas ainda depois da sua morte ... É bem sabido depois dos trabalhos de O. Niccoli ¹¹ e, sobretudo, de G. Zarri ¹², que o profeta de corte possuía, desde os meados do século XV, estatuto mais ou menos preciso de acordo com as variantes da geografia e da cronologia... Para Itália, por exemplo, onde foram muito mais frequentes os profetas e as profetizas, conhecemos quanto a sua importância diminuiu ou mesmo desapareceu a partir de 1530 ¹³, a data da sagração de Carlos V como imperador; para Espanha quase destes dias sabemos da atenção com que Fernando, o Católico, e o cardeal Cisneros ouviam, entre outras, soror Maria de Santo Domingo, a célebre beata de Piedrahita, e a beneditina madre Maria, de Toledo ¹⁴... E em Portugal? Tirando o caso de Bandarra, que, tal como o conhecemos, está muito longe de ter sido, em algum momento sequer, um profeta de corte, talvez nada para estes anos... Mais tarde, um pouco depois de Simão Gomes, o caso especialíssimo de soror Maria da Visitação, ainda não foi estudado desde estas perspectivas. E, no entanto, com algum cuidado e bastante prudência, talvez, fosse possível através de crônicas, memoriais e até de alguma biografia apurar um pouco mais o que suspeitamos ¹⁵... O caso de Simão Gomes, talvez, não será mais do que um bom exemplo e a confirmação de quanto urge estudar

¹⁰ Bertelli, S., Cardini, F. Zorzi, E. G., *Le Corti Italiane del Rinascimento*, Milano Mondadori Ed., s.a. (1985).

¹¹ Niccoli, Ottavia, *Profeti e Popolo nell'Italia del Rinascimento*, Bari, Laterza, s.a. (1987).

¹² Zarri, Gabriella, *Les Prophètes de Cour dans l'Italie de la Renaissance in Les Textes Prophétiques et la Prophétie en Occident (XVIe-XVIIe Siècles)* [direc. de A. Vauchez], Rome, École Française de Rome, 1970, pág.359-385 (com algumas achegas bibliográficas muito pertinentes); Conf., Cardini, F., *Amici di Dio, Amici delle Stelle in Le Corti Italiane del Rinascimento...*, ed. cit., pág. 229-242.

¹³ Niccoli, O., *Profeti e Popolo nell'Italia del Rinascimento...*, ed. cit., pág. 5, 10, 34, 154, 241, 246, 249 et passim.

¹⁴ Bataillon, M., *Erasmus y España*, Mexico, F.C.E., s.a. (1966), pág. 69-70.

¹⁵ Lembremos, por exemplo, o interesse de explorar a ressonância ou mesmo a influência de uma beata como Joana Correia, uma portuguesa com alguma notoriedade nos círculos visionários madrilenos dos anos de setena de quinhentos, tal como a de um Fr. Lucas de Allende, um franciscano altamente interessado em monstros, prodígios, astros e profecias que viveu no Colégio de S. Boaventura de Coimbra entre 1574 e 1575... Para os dois casos, Kagan, Richard L., *Los Sueños de Lucrecia, Política y Profecía en la España del Siglo XVI*, Madrid, Nerea, 1991, pág. 38,44, e 130-132 et passim.

estas zonas da história da espiritualidade, para, antes de mais, evitar, tanto quanto possível, confusões tão brilhantes como falsas ¹⁶... Curiosamente, hoje como ontem, o falso parece brilhar mais e os casos de falsos profetas, mesmo se ingênuos embustes ou, em casos mais complexos, as simuladas santidades a que o século XVI e XVII como que nos habituaram, são muito mais bem conhecidos ¹⁷... Não nos interessa, agora, fixar qualquer cronologia do desenvolver do carisma profético desse sapateiro que pertence à geração de Fr. Marcos de Lisboa..., do cardeal D. Henrique..., de D. Fr. Bartolomeu dos Mártires... Com efeito, nasceu no Marmeleiro (Tomar) em 1516 e faleceu em Lisboa, às portas de S. Roque, em 18-X-1576..., depois de ter empreendido uma viagem para pregar aos huguenotes ¹⁸..., de ter sido Corrector nos Estudos no Colégio da Companhia de Jesus em Évora ¹⁹..., de ter vindo para Lisboa onde foi enfermeiro dos criados da casa do Cardeal-Infante ²⁰... e depois seu escudeiro *com obrigação de lhe fazer de calçar* ²¹..., fórmula esta que lhe permitia conciliar a corte e a humildade de um ofício que, como sabemos, não queria deixar... Independentemente das datas e referentes passíveis de redução cronológica serem no *Tratado da Vida*, como era quase de regra em hagiografia, bastante aleatórios — mas não mais do que muitas das referências topográficas ou mesmo geográficas... — fixar-nos-emos em um aro cronológico em que, com a segurança relativa que nos dá este tipo de fontes, sabemos ter-se manifestado o seu espírito de profecia... Efectiva-

¹⁶ Abordámos este assunto em *Conquistar e Profetizar em Portugal dos fins do Século XIV aos meados do século XVI. Introdução a um Projecto*, comunicação apresentada à Internacional Conference — Spain and Portugal of the Age of Exploration — celebrada na George Washington University em 13-16 de Janeiro de 1992 cujas Actas estão em curso de publicação; uma versão revista e um pouco mais completa desse trabalho virá a lume na *Revista da Faculdade de Letras do Porto — História* — relativa a 1992.

¹⁷ Sobre esta complexa e nodal questão configurativa da cultura europeia entre o século XV e o século XVIII pode ver-se *Fizione e Santità tra Medioevo ed Età Moderna* (a cura di Gabriella Zarri), Torino, Rosenberg e Sellier, 1991, riquíssimo conjunto de confronto de estratégias de aproximação e de sugestões de investigação.

¹⁸ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,4, ed. cit., pág. 21-22.

¹⁹ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,7, ed. cit., pág. 33; M. da Veiga diz que foi corrector dos estudos enquanto Baltasar Telles na *Crónica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*..., ed. cit., II,5, 6, pág. 470-474 afirma ter sido o primeiro guarda dos estudos. Os ofícios eram diferentes e, talvez, o P. Telles tenha preferido fazê-lo guarda a corrector, pois a este pertencia, segundo os Estatutos, *castigar os estudantes quando e como lhe disser o reitor ou o prefeito dos estudos ou os mestres...* (Rodrigues, Francisco, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, Porto, 1951, I(2), pág. 321 n.º 2. Deve notar-se que foi ou corrector ou guarda dos estudos no Colégio e Universidade de Évora e, portanto, desde 1559. Se as nossas sugestões são aceitáveis, S. Gomes terá vindo para Lisboa talvez em 1560 ou 1561, o que sugere ter ocupado por pouco tempo tal cargo.

²⁰ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,8, ed. cit., pág. 39.

²¹ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,8, ed. cit., pág. 39.

mente, o P. Manuel da Veiga permite verificar que, à parte de qualquer outro momento, entre 1562 e 1576, isto é, entre um pouco depois de o cardeal Henrique ter ordenado que *viesse com sua casa morar a Lisboa porque o queria ter mais perto de sy para falar com elle como muitas vezes fazia com muyto gosto e consolação*²², e dois meses antes da sua morte, Simão Gomes terá muitas vezes anunciado *alegrias e castigos* aos portugueses... E este marco cronológico permite sublinhar o que antes apontávamos sobre a sua situação relacional na corte. Com efeito, não só está relacionado com ela através dos seus mais altos representantes e dignatários e desde essa posição se dirige ao Reino, mas também frequenta algumas das cortes que fazem a corte, isto é, por exemplo, o paço da Boavista do duque de Aveiro»²³ com cuja família ducal esteve relacionado desde a sua infância²⁴. E, desde esta perspectiva, valerá a pena recordar que D. João de Lencastre e algumas senhoras da sua família estiveram no centro da protecção não apenas aos arrábidos e à Companhia de Jesus, mas também a círculos de beatas e de outra gente espiritual nem sempre tida por de segura ortodoxia²⁵.... Lembremos ainda, completando os textos inicialmente citados, que tais personalidades o *mandavão chamar muitas vezes*... Devemos ainda notar que, apesar das tentativas de muitos de o levarem a entrar nas suas religiões²⁶, Simão Gomes resistiu a tomar quaisquer votos e permaneceu um leigo casado — a sua mulher foi, como diz o hagiógrafo, uma *pesada cruz* na sua vida²⁷... —, estado que o afasta do cânón normal do profeta de corte que, na maioria dos casos, pertencia a uma ordem religiosa... e, muitas vezes por imposição do príncipe que a ele recorria como a fonte de protecção e inspiração, vivia num convento da corte, embora pudesse não frequentar o paço, situação normal esta no caso de religiosas ou beatas²⁸... O exemplo do «beato» Lóio Fr. António da Conceição cuja cela era ponto de cruzamento de altos senhores portugueses e castelhanos à procura de orientações num período particularmente conturbado da política portuguesa dos fins do século XVI,

²² Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,8, ed. cit., pág. 38.

²³ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,9, ed. cit., pág. 47: «... o duque de Aveiro, o senhor Dom Joam, filho do Mestre, que lhe rogou muito quisesse ir pera sua casa e moradia lá junto do seu paço da Boavista, desocupado e descansado dos trabalhos do officio...».

²⁴ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,3 e 7, ed. cit., pág. 11 e 17 respectivamente.

²⁵ Dias, José S. da Silva, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal*..., ed. cit., I(1), pág. 375, 377, 382; (2), pág. 660; Telles, Baltasar, *Chronica da Companhia de Jesus na Provincia de Portugal*..., ed. cit., I, pág. 135-136, 577.

²⁶ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,5, ed. cit. pág. 23-24.

²⁷ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I,5, ed. cit., pág. 25.

²⁸ Zarri, G., *Les prophètes de Cour dans l'Italie de la Renaissance* in *Les Textes Prophétiques et la Prophétie en Occident*..., ed. cit., pág. 667-668.

poderia ilustrar essa situação²⁹... De todos os modos, se em Évora o «Sapateiro Santo» estava, até certo ponto, integrado no pessoal do colégio da Companhia de Jesus, sem que saibamos ao certo como foi provido no lugar estatutal de «Corrector de Estudos» ou de «Guarda» dos mesmos, em Lisboa viverá junto a *S. Roque pera ficar visinho dos Padres da Companhia de Jesus com os quaes se confessava e tratava já avia muitos annos*³⁰... E será sempre nesta órbita espiritual de uma Companhia ainda jovem que Simão Gomes viverá, irradiará muito da sua personalidade e, a crermos no seu biógrafo, ajudará a despertar algumas vocações para actividades específicas a que a Companhia se consagrará, como, por exemplo, a da «conversão» de apostolado que se verificará no P. Inácio Martins...

Convirá ainda chamar a atenção, embora tal não fosse, obviamente, necessário, que não nos temos a haver com um embusteiro como, por exemplo, um Juan de Jesus tan celebrado em *Antequera, Granada y Madrid* a quem deitaram a perder as profecias sobre Filipe IV³¹... ou ainda um Mateus Rodrigues o «Esteireiro Santo», esse português de Vilafranca bem conhecido na corte castelhana de *las señoras principales y vulgo de ellas, con quién amás andaba en traje de tercero, venerandolo todos y besandole la ropa [...] y tenia escrito un libro de su vida y milagros*... personagem com quem a inquisição de Toledo se houve em 1637³². Da biografia de Simão Gomes e do rasto que deixou como testemunha em processos inquisitoriais à volta de 1570-1572 sobressai, quase por contraste, o seu esforço, mesmo em face de atitudes ou doutrinas que à primeira vista poderiam parecer menos arriscadas, por se manter numa estrita ortodoxia proclamando a sua fidelidade e exaltação da Igreja...

²⁹ Santa Maria, Francisco de, *Saphira Veneziana e Jacinto Português. Vida, Morte e Heroicas Virtudes e Maravilhas Raras do Gloriosissimo Protopatriarcha S. Lourenço Justiniano e do Venerável Padre Antonio da Conceição*..., Lisboa, Off. de Francisco Villela, 1677 em que se anotam, com alguma prolixidade, as visitas que os duques de Bragança, o cardeal Alberto, os duques de Medina Sidónia, de Alba (2.º) e de Aveiro, os arcebispos de Braga, Lisboa, etc., passando, como sempre, por Fr. Luís de Granada (Conf. ob. cit., II, pág. 174-177) faziam ao famosíssimo Cónego de S. João Evangelista. Deve notar-se que, a julgar pelo que traz o seu biógrafo e dos exemplos que dá, o «beato» António da Conceição apenas teria recebido um grande «espírito de clarividência».

³⁰ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 8, ed. cit., pág. 38-39.

³¹ Sobre o caso de Juan de Jesus, condenado em 1635, e as suas profecias pode ver-se o que se relatou em *Cartas de Algunos Padres de la Compañía de Jesus in Memorial Histórico Español*, XIII, pág. 162-163.

³² Acerca do famoso «Esteireiro Santo», condenado pela Inquisição de Toledo em 1637 pode, igualmente, ver-se o que trazem as *Noticias de Madrid*, fol. 117v., segundo nota em *Algunas Cartas de los Padres de la Compañía de Jesus in Epistolario Español*, Madrid, Atlas (B.A.E.)II, pág. 393 n.º 9 e ainda Rodríguez Villa, *La Corte y la Monarquía de España*, Madrid, pág. 242.

É neste quadro de fidelidade e exaltação que há que examinar o seu carisma profético. Teremos que começar por afirmar que não possuímos o que poderia dizer-se o texto das suas profecias. O seu biógrafo não o fornece nem a ele faz qualquer alusão e, dado que Simão Gomes não sabia ler nem escrever, talvez não tenha mesmo existido qualquer texto delas sequer por ele ditado³³. O que possuímos é ora um resumo ou história dos acontecimentos que profetizou tal como o recordam as testemunhas, ora, no melhor dos casos, algumas linhas que o P. Manuel da Veiga diz copiar — e, pelo estilo, podemos aceitar, muitas vezes, que copia — dos apontamentos que deixou o P. Inácio Martins. Estamos, portanto, na hipótese mais favorável, diante de uma espécie de *reportatio* que temos de supor relativamente fiel em função das provas da santidade de Simão Gomes que se procuram fornecer ao leitor... Se alguma distorção houve, foi, seguramente, em função dessa prova de santidade e não, como poderia esperar-se se o *Tratado da Vida* tivesse sido escrito em outras circunstâncias — por exemplo, depois de 1640 — em função da demonstração de qualquer ideologia política ou religiosa. Porque era santo, profetizou e não, porque profetizou era santo..., essa distinção subtil que sempre a tradição eclesial procurou atender³⁴...

O carisma profético de Simão Gomes manifesta-se, naturalmente, por um *spiritus prophetiae* que, antes de mais e tradicionalmente, diz respeito ao que costuma dizer-se o dom de clarividência espiritual — ler o coração de cada qual..., revelar pecados escondidos..., ou, um tanto mais complexamente, revelar ou viver como se revelasse um acontecimento futuro individual, pessoal ou não, como por exemplo, a data da própria morte..., manifestações de que estão repletas as crónicas de qualquer ordem religiosa e constituem um traço relativamente comum dos géneros hagiográficos e que, por outro lado, não cabe confundir com o discernimento de espírito. Esta clarividência espiritual poderia mesmo identificar-se com a concepção gregoriana de profecia, pois, diz S. Gregório na *Homilia in*

³³ Referimo-nos, naturalmente, às profecias propriamente ditas; possivelmente tanto o P. Inácio Martins como o célebre P. Maurício, confessor de Sebastião, que, de acordo com Baltasar Telles (*Crónica da Companhia de Jesus da Província de Portugal...*, ed. cit., II, 36, pág. 472), escutava Simão Gomes, teriam recolhido algumas das suas profecias, mas não como texto propriamente dito; por outro lado, não sabemos se e como a *Lamentação* que o Sapateiro Santo efectivamente ditou a Fr. Vicente de Lisboa, continha qualquer vaticínio concreto, ainda que o género o reclame e o tom de outros «textos» de S. Gomes o permita suspeitar.

³⁴ Torrell, J.-P., *Théorie de la Prophétie et la Philosophie de la Connaissance aux Environs de 1230*, Louvain, 1977 e *La Conception de la Prophétie chez Jean de Roquetaillade in Les Textes Prophétiques et la Prophétie en Occident...*, ed. cit., pág. 267-286; Vauchez, A., *Les Théologiens face aux Prophéties à l'Époque des Papes d'Avignon et du Grand Scisme in Les Textes Prophétiques et la Prophétie en Occident...*, ed. cit., pág. 287-298.

Ezechielem, recte prophetia dicitur, non quia praedicit ventura, sed quia prodit occulta ³⁵... No entanto, Simão Gomes, mais ou menos veladamente, *praedicit ventura*... e o seu biógrafo, porque na sua maioria se viram realizadas ou em vida do próprio profeta ou nos tempos do próprio historiador, não se furta a narrar as *alegrias* e as *tristezas* profetizadas... As que ficaram, de certo modo, em aberto seriam muito poucas e foram essas, naturalmente, que certa literatura restauracionista, como, por exemplo, a *Restauração de Portugal Prodigiosa* (1643/44), explorou no seu afã de interpretar o passado em função do futuro... Em Simão Gomes é sempre o seu presente que se interpreta, porque é este que, urgentemente, há que corrigir... A sua palavra inspirada revela-se, assim, quase sempre, cominativa: *muito antes que viessem ao Reino de Portugal estas calamidades, as denunciou elle e amoestou o povo que se emmendasse ou se aparelhasse para todos estes castigos* ³⁶. E, por isso, muito do seu espírito profético virá imediatamente relacionado com a reforma da vida, quer dizer, com o tempo e os meios da *reformatio*, da *conversio*... em que a corte, a começar, obviamente, pela sua cabeça, o rei, deve e devia empenhar-se... É neste sentido mais profundo que há que ver a relação do «Sapateiro Santo» com a corte... Quando o arcebispo de Braga, Fr. Bartolomeu dos Mártires, em 1570, lhe escreve apremiando-o a que aceite um ofício palatino, diz-lhe precisamente: *não temaes perder vossa quietação, mas antepõe a ella o serviço de Nosso Senhor que se espera com vossa entrada no Paço. Lembre-vos o costume de Deos por instrumentos pequenos fazer cousas grandes...*, o que o biógrafo traduz *que por seus merecimentos [faria] Deos Nosso Senhor muytas mercês ao rey e ao reyno e com o seu bom exemplo e sólida doutrina se [reformaria] o paço, aproveitando a todos, grandes e pequenos, que o tratassem* ³⁷... Por outro lado, e no mesmo preciso sentido, seria, pelo que dela e do seu contexto conhecemos, a sua, infelizmente, perdida, *Lamentação* em tom jeremiano sobre

³⁵ Gregório, S., *Homilia in Ezechielem*, I, 1 in P. L. 76 col. 787.

³⁶ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 83-84.

³⁷ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, ed. cit., pág. 445-446. Esta carta, tanto quanto sabemos, nunca foi tida em consideração pelos biógrafos e editores do Arcebispo de Braga, mas cremos nada há que nela se oponha à sua autenticidade. A carta de Bartolomeu dos Mártires está datada de Coimbra, 29 de Outubro de 1570, cidade onde, efectivamente se avisitou com Sebastião (Sousa, Fr. Luis de, *A Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*, Liv. IV, 3 [cit. pela excelente ed. de A. Pinto de Castro e G. Chaves de Melo, Lisboa, Imprensa Nacional, s.a. (1985) pág. 456] não, como diz o cronista, nos primeiros meses de 1571, mas, sim, pouco depois do «Desejado» ter entrado na cidade a 13-X-1570 donde partiu logo a 30 do mesmo mês (conf. Veloso, Queirós, *D. Sebastião. 1554-1578*, Lisboa, Imprensa Nacional de Publicidade, 1945 [3.ª ed.] pág. 130-131). A data da carta é perfeitamente aceitável.

Lisboa e sobre os costumes dos portugueses³⁸. E, por isso, como que reelaborando um velho e tópico apelo, pôde aconselhar a um pregador da Companhia: *Padre, pregai a esta gente e dizei-lhe com zelo efficaz: Homes, vós, vedes-vos? Adverti bem e contaí as légoas que achareis que são muitas as que estais longe e afastados não somente de serdes christãos senão ainda de serdes portugueses. Na cabeça sois flamencos, no traje franceses e alemães e o peor he que na melhor parte que hé o rosto trazeis pintado a Mafamede, tão bem vos parece sua divisa que vos fazeis turcos na barba e o que os embaixadores del rey David tiverão por afronta grande que não ousarão aparecer quando elrey dos amononitas lhes mandou cortar as barbas e derrabar os vestidos, tomais vós por honra e traje corteção prezando-vos de aparecer com elle no público*³⁹...

Notemos, todavia, em relação a algo a que já aludimos, que o carisma profético de Simão Gomes está ao serviço de confirmação do seu espírito de homem de Deus, de alguém que mantém atitudes e marca orientações independentes do *status quo* e se quer mensageiro de uma fidelidade, da fidelidade da aliança do seu povo com Deus... Compreende-se, deste modo, como a recusa persistente de Simão Gomes em deixar de ser sapateiro..., em não querer viver no paço... se releva do seu espírito de humildade, também terá aparecido como uma auto-exclusão da corte, auto-exclusão que constituía a base da sua independência e favorecia o seu papel de profeta.

Antecipemos que, como profeta, o «Sapateiro Santo» não fará muito mais do que responder, canalizando-as, precisando-lhes o seu sentido, para fins escatológicos, a muitas das ansiedades com que o Portugal dos seus dias se via confrontado — da guerra à peste passando pela fragilidade das instituições políticas e pelo combate, sempre suspeitado e temido, aos inimigos, internos ou externos, da fé. As profecias, como já se lembrou⁴⁰, não são propriamente fantasias de indivíduos, de escritores isolados, de eremitas..., mas reflectem reacções, mais ou menos profundas, de grupos sociais extensos e, por isso, nem sempre bem definidos... Mas há que deixar desde já bem claro que, a julgar pelo que do seu profetizar conhecemos hoje — e não esqueçamos o modo como o conhecemos — Simão Gomes não elabora — e nem sequer sugere — um programa político de implicações religiosas nem desenha qualquer plano onde caibam messia-

³⁸ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 86.

³⁹ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, II, 14, ed. cit., pág. 179. Conf., Vicente, Gil, *Exortação à Guerra* in *Obras Completas*, IV, ed. Marques Braga, Lisboa, Sá da Costa, s.a. (1953), pág. 148.

⁴⁰ Rusconi, Roberto, *L'Atesa della Fine. Crisi della Società, Profezia ed Apocalisse in Italia al tempo del Grande Scisma d'Occidente (1378-1417)*, Roma, I.S.I.M.E., 1979, pág. 133.

nismos de qualquer espécie... Porque as suas esperanças na *renovatio ecclesiae* parecem única e exclusivamente depender de uma renovação interior — a *emenda* — de cada qual, nas suas profecias, apesar da Companhia de Jesus não ser ainda por estas datas imune a tais construções ⁴¹, não terá havido lugar para o «Imperador dos Últimos Dias» mesmo sob aversão ibérica do «Encoberto»... nem para o «Pastor» ou «Papa Angélico»... Nem sequer para o Anti-Cristo... E, mesmo que tenha considerado com alguma demora a sua *dureza de coração* e a sua infidelidade, não parece ter-se ocupado da conversão final do povo judaico ou do turco... E mesmo um tema tão banal, mas sempre preocupante, como o dos «últimos tempos» parece, se for atendível uma nossa proposta, ter-lhe apenas merecido uma fugaz alusão... Desde este ponto de vista — lembrando-nos, porém que a história do texto das suas *Trovas* está totalmente por fazer ⁴² — Simão Gomes pode ser até considerado um anti-Bandarra, não, porque se lhe tenha oposto — facto que ignoramos —, mas porque visa um programa totalmente distinto e, possivelmente, apesar de serem ambos oficiais do mesmo ofício, um público bem diferente... como diferentes são *dicta spiritualia* e trovas... Que conste, nunca Bandarra foi em seus dias considerado um profeta de corte... Talvez, não só porque o sapateiro de Trancoso costuma ser a pauta quase única de referência do profetismo político em Portugal dos fins do século XVI em diante, mas também porque a fama de Simão Gomes como profeta — fama esta que ele, talvez, dispensasse — lhe adveio, como lembrámos, da exploração que o sebastianismo retauracionista fez de alguma profecia sua, já foi possível fazer do «Sapateiro Santo» um visionário e classificá-lo como um segundo Bandarra ⁴³. Resistamos a comparar o incomparável... Não queremos, porém, com tudo isto insinuar que Simão Gomes não se tenha visto

⁴¹ Loyola, Ignacio de, *Carta a Francisco de Borja, duque de Gandía* (Julho de 1549) in *Obras Completas*, ed. de I. Iparraguirre, S. J. e Cândido de Dalmeida, S. J., Madrid, B.A.C., 1963, pág. 723-739; Reeves, M., *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages. A Study in Joachimism*, Oxford, At Clarendon Press, 1969, pág. 274-292. Note-se que nessa carta (ed. cit. pág. 726) o P. Juan de Polanco que a escreve em nome de Inácio de Loyola (quem a corrigiu pessoalmente), aponta depois de alguns casos ilustres, dois casos de jesuítas ou com a Companhia estreitamente relacionados que em Portugal e em Roma esperavam o «Papa Angélico»... e que convém ter em conta na hora de estudar manifestações e tensões proféticas em Portugal nos fins da primeira metade do século XVI.

⁴² A urgência desta história não será, cremos, posta em causa para tentar compreender como de cerca de 1530 se chegou a 1603. Em próxima ocasião tentaremos alguma achega a tal itinerário.

⁴³ Cantel, Raymond, *Prophétisme et Messianisme*, Paris, Edic. Hispano-Americanas, 1960, pág. 60 que reelabora alguma sugestão mais apressada que J. L. Azevedo colheu não certamente na obra do Manuel da Veiga, mas, provavelmente, na *Chronica de Companhia de Jesus* do P. Baltasar Telles ou, com mais probabilidade na *Dedução Chronologica*...

confrontado com muito do político dos seus dias... Seria estranho em alguém que, como conta o seu biógrafo e um Queirós Veloso não desmentiu nem deu por inverosímil, tomou assento no Conselho de Estado ⁴⁴.

Com estas precauções podemos tentar abordar as suas profecias, sem esquecer que o seu contexto diz tanto respeito às circunstâncias em que foram feitas ou verificadas como, para nós hoje, à sua literalidade, isto é, não só ao que delas nos chegou e ao modo que nos chegou, mas também, e sobretudo, às tradições culturais — literárias e simbólicas, principalmente — de que se reclamam. Para esta primeira abordagem não nos deteremos na exposição que faz o seu biógrafo da sua clarividência espiritual, mas procuraremos perceber, através de certas profecias que se verificaram em sua vida e de outras que foram verificadas depois da sua morte, alguma das que ficaram em aberto ...

A fiarmo-nos na selecção do P. Manuel da Veiga, as circunstâncias do ataque muçulmano a Mazagão que durante quase cinco meses, com três de cerco, dominaram, entre Janeiro e Maio de 1562, a atenção e as preocupações dos portugueses ⁴⁵, terão permitido ao «Sapateiro Santo» não só *consolar os homens, mulheres e mininos chorando e pedindo a Deos misericórdia que encontrava pellas ruas...* com afirmar-lhes que os mouros *não aviam de prevalecer contra os christãos* ⁴⁶..., mas também declarar ao duque de Aveiro o dia e a hora de *hũa assinalada mercê que Deos fizera a este reyno* — entendamos o fim do cerco —, como se verificaria pelas boas novas de Mazagão que cedo chegariam ⁴⁷...

Curiosamente, será ainda uma vez mais, o turco que em 1564/1565 cerca Malta, temendo, então, toda a christandade perder aquella ilha, que obrigará Simão Gomes a fazer continua oração a *Deos Nosso Senhor que a defendesse e livrasse do grande risco que corria... pedindo-lhe que posesse seus misericordiosos olhos naquella ilha e terra de christãos onde elle era conhecido e adorado, pera que não a entrassem, nem dominassem os cruéis e bárbaros inimigos do seu santo nome* ⁴⁸... E um dia, tendo recebido *hũa grande consolação e hũa como luz celestial que o illustrava divulgou que cedo acudiria o Deus com misericórdia àquella gente christã que padecia o cerco* ⁴⁹... Um tanto estranhamente, dado o empenho peninsular e a ressonância da vitória, Simão Gomes não parece ter-se apercebido do significado de Lepanto (1571) — uma vitória cristã sobre os turcos cuja influência no imaginário de D. Sebastião conviria ponderar —,

⁴⁴ Veloso, Queirós, *D. Sebastião*..., ed. cit., pág. 116, n.º 49.

⁴⁵ Veloso, Queirós, *D. Sebastião*..., ed. cit., pág. 54-56.

⁴⁶ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 14, ed. cit., pág. 7-78.

⁴⁷ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 14, ed. cit., pág. 78.

⁴⁸ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 14, ed. cit., pág. 79.

⁴⁹ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 14, ed. cit., pág. 80.

mas, em qualquer caso, Mazagão e Malta apontam à sua preocupação pelas fronteiras da cristandade frente ao turco..., esse inimigo que ele pretende, como quase todos do seu tempo contra-reformista, vencido e dominado antes de — talvez até antes que... — convertido... Mas os dois casos poderão permitir ainda descobrir um pouco do processo, das etapas e da difusão da manifestação do seu espírito de profecia...: oração, súplica, iluminação e emissão da mensagem profética... . Notemos que poderia mesmo insinuar-se que entre 1562 e 1565 se terá verificado um reconhecimento mais difundido dos carismas proféticos de Simão Gomes, pois no primeiro caso, o de Mazagão, a revelação parece ter sido privadamente feita ao duque de Aveiro e no segundo, publicamente, *a todos os que sentiam muyto esta necessidade e temiam a calamidade da vitória dos turcos contra os christãos* ⁵⁰... Mas aqui como em muitos outros casos em que temos poucos documentos e os textos são pobres e tardios não convém ir além da insinuação...

A estas *alegrias* — a palavra é do P. Manuel da Veiga — segue-se o anúncio das *calamidades*, antes de mais da peste de 1567/1568..., a célebre «peste grande»..., esse *cruel castigo com que de muito antes sabia ameaçava Deus Lisboa* ⁵¹... *E por mais que rogasse e pedisse a Deos perdoasse a Lisboa o cruel castigo, não lhe respondia o Senhor nem parece ouvia nem admitia suas preces com que crecia sua desconsolação e se agravava cada vez mais sua tristeza e desabrimento do coração que experimentava, o que teve por indício e claro sinal que a justiça divina estava resoluta com sentença definitiva dada pera executar a pena e o castigo merecido pelas culpas e pecados que se nam emmendavam* ⁵²... Não interessam as peripécias familiares de Simão Gomes nestas circunstâncias ⁵³, mas interessa saber que *com caridade avisou a muitas pessoas que com tempo se sahissem da cidade sobre a qual estava para descarregar hum trabalho gravissimo como cedo veriam com seus olhos e experimentariam por seu mal* ⁵⁴... Perante as *calamidades* e *misérias* que o triste povo padecia dizia muitas vezes em voz alta que o ouvião: *Ah, que o ceo está fechado e não há lá entrar* ⁵⁵... Só pouco antes do Natal de 1569 pôde

⁵⁰ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 80.

⁵¹ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 84.

⁵² Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 84.

⁵³ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 85.

⁵⁴ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 84.

⁵⁵ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 86. Augusto Placanica, *Segni dei Tempi. Il Modello Apocalittico nella Tradizione Occidentale*, Venezia, Marsilio Ed. (1990), ao estudar no largo âmbito (e no «tempo longo») de *la percezione cristiana del mondo* apontou como a peste de um dos *nuovi segni per nuovi tempi* nos começos da Idade Média ganha, até ao séc. XVI, um lugar de relevo no conjunto de *il Trionfo dei segni dei tempi* (conf. ob. cit., caps. 14 e 15, especialmente pág. 142-143, 161-163).

anunciar: *Louvado seja Deus que esta noite achei o ceo aberto* ⁵⁶..., data a partir da qual a epidemia se foi extinguindo ⁵⁷... Foi o seu saber que a peste era um castigo merecido *pelas culpas e pecados que se nam emmen-davam* que o levou a ditar a Fr. Vicente de Lisboa *hũa lamentação como a de Ieremias muy sentida e espiritual de três folhas de papel sobre a cidade de Lisboa que começava: Oh, desventurada Lisboa se conheceras o dia de tua visitaçõ quam bem te fora pera teu remédio, mas ouveste-te com Deos como Pharaó cada vez mais endurecido e ingrato, etc.* ⁵⁸... Sublinhemos de novo a raiz jeremiana desses *Lamentação*, mas assinalemos também que ela não é mais do que a manifestação da preocupação do profeta pela cidade que, como sede da corte e, logo, capital do Reino devia, antes de qualquer outra, converter-se..., fazendo-se, assim, por sua vez, à imitação do profeta, agente da aliança com Deus do povo sobre que reinava e que representava. E parece ser esta preocupação pela cidade da corte que nos últimos anos (1575/1576) o absorve e o leva a orar pela cidade com mais afincio e a exclamar: *Ah, Lisboa que tens agora mais peccados do que antes da peste tinhas! Temo hum grande castigo sobre ti! Já padeceste fome e peste, agora te arreceyo hum trabalho mayor de guerra e a gente nobre e poderosa a quem nem a fome nem a peste abrangeo nem alcançou por se acolherem, achar-se-à colhida em hũa rede de que nam escape* ⁵⁹... É ainda a mesma preocupação pela cidade-corte, mas neste momento num contexto mais preciso e imediatamente mais urgente, como se compreenderá, depois dos acontecimentos surpreendentes e um tanto inexplicáveis para a maioria dos portugueses

⁵⁶ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 16, ed. cit., pág. 87.

⁵⁷ P. Roiz Soares no seu *Memorial* (ed. de Manuel Lopes de Almeida, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1953, pág. 19-41) traz um relato vivido desses anos calamitosos; como outra nota e outro modo de aproveitar moralmente o acontecimento aponte-se o que meditou Fr. Luis de Granada na *Introducción al Símbolo de la Fé: Sirven otro sí los vientos (como dice Séneca) para purificar el aire y sacudir del cualquier corrupción o mala cualidade que se le haya pegado. De lo cual tienen experiencia los que se acordaren de una gran pestilencia que hubo en la ciudad de Lisboa, y en algunos otros lugares del reino de Portugal, el año de 1570. La cual cesó con un recísimo y desacostumado viento con el cual creció la mar tanto que cubrió las fuentes que estaban junto a ella, y de dulces las hizo salobres por algunos días. El cual viento llevó tras sí el aire corrupto que era la causa de aquella peste...* (ob. cit., I, 7, § único, in *Obras de Fr. Luis de Granada*, Madrid, Atlas (B.A.E., 6), 1949, I, pág. 201.

⁵⁸ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 86.

⁵⁹ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 87-88.

de então ⁶⁰ que culminaram na primeira expedição ao Norte de África (1574) que, por sua vez, determinaram essa intensa actividade diplomática e militar que conduziria a Alcácer-Quibir... Do texto do *Tratado da Vida* saltam conselhos de Simão Gomes a matronas da alta nobreza angustiadas pela sorte dos seus filhos que obrigatoriamente teriam de acompanhar o rei... É, por exemplo, o caso de D. Beatriz da Silva, mãe de D. Luís Coutinho, aquem imperativamente aconselha *que não deixe ir lá o moço em nehã maneira* ⁶¹... É ainda o caso da marquesa de Vila Real a quem, mais dramaticamente ainda, aconselha a mandar desferrar os cavalos do filho para que este não possa passar a África ⁶²...; é, finalmente, o caso, um pouco diferente, é certo, do célebre e polémico valido de Sebastião, o P. Martim Gonçalves da Câmara, a quem o «Sapateiro Santo» felicita pela perda da privança, já que essa perda do favor real (fins de Maio — princípios de Junho de 1576) mais não é do que um *desvio* que Deus lhe envia para não ser apanhado por esse *castigo de guerra que com certeza avia de sobrevir*, isto é, não ser colhido na *rede varredoura* onde há-de colher os fidalgos deste reino... ⁶³. São exemplos avulsos, mas selectos, que podem, porém, deixar perceber não só como a angústia de alguns se foi transformando na angústia de muitos perante o avançar de uma real aventura — aventura real mesmo para os mais confiados —, mas também como a voz do «Sapateiro Santo», tal como outros sinais — cometas...,

⁶⁰ «...e partio el Rey aos 17 do dito mes[Agosto, 1574]estando esperando o señor dom Antº no Algarve, a qual ida polo a não saberem nem elRey o ter dito, vendoa como foi meteo a todos em confusão e ido sem se saber pera donde, veyo nova como se fora por em ceyta...; ...e todo o mes de Setembro se não fazia em Lixª outra cousa senão proçissóis por elRey até 15 de Outubro que elRey mandou que a gente soestivesse e não fosse, detriminando tornasse como se tornou na fim doutubro e se veyo meter em Sagre: Não deixou daver mermurações asy por ir daquela man.rª sem ordem e tornar com m.tomenos como por dar grande opeção aos fidalgos fazendoos de supitogastar tanto debalde...», Soares, P. Roiz, *Memorial*, ed. cit., pág. 70 e 71 respectivamente; Fr. Bernardo da Cruz na sua *Chronica d'El Rey D. Sebastião*, I, 9-12 (Biblioteca C. Portugueses, Lisboa, 1903, I, pág.46-559) é, naturalmente, muito mais discreto sobre estes aspectos. Conf. Veloso, Queirós, *D. Sebastião...*, ed. cit., pág. 194-202; Loureiro, F. Sales, *D. Sebastião, Antes e Depois de Alcácer-Quibir*, Lisboa, Ed. Vega, s.a. (1978), pág. 139-161.

⁶¹ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 81-82.

⁶² Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I,15, ed. cit., pág. 93.

⁶³ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 93 e 91-92, respectivamente. Sobre a queda de favor do Escrivão de Puridade de D. Sebastião conf. Veloso, Queirós, *D. Sebastião...*, ed. cit., pág. 209-212 e Loureiro, F. Sales, *D. Sebastião...*, ed. cit., pág. 166-170.

batalhas no ar..., etc.⁶⁴ contribuiria para adensar esse clima que culminará nas interrogações de antes de 25 de Junho e depois de 4 de Agosto de 1578⁶⁵... No entanto, como profeta, Simão Gomes não se limita a este tipo de conselhos de aviso com que pretendia evitar que *certos* fossem apanhados na *rede varredoura* da guerra... Logo depois do regresso de Sebastião da primeira expedição (1574) dirigiu-se publicamente aos *vereadores da Fazenda e outras pessoas de authoridade* dizendo-lhes: *Senhores, eu vos via a todos os que hieis a África nesta escusada empresa na carneceira de Fez, mas valeu-vos o cuidado que o cardeal infante teve de mandar fazer orações públicas diante do Santíssimo Sacramento. Olhai por vós, que se não vos emmendais Deos há-de premetir que vos colhão a todos em hũa rede de que não escapeis*⁶⁶... Assim, privada ou publicamente Simão Gomes avisa um *castigo de guerra*... e quatro meses antes de morrer, isto é, por Julho de 1576, *via em hũa noite sobre a capella mór do real mosteiro de Belém hũa espada grande de fogo, pela qual entendeo que ameaçava Deos Nosso Senhor a este reyno com algum grande castigo de guerra*⁶⁷... O P. Inácio Martins registou ainda que Simão Gomes lhe revelou *que viria aquelle castigo ao reyno tão cedo que será antes de cinco annos e menos*⁶⁸... Mas este *trabalho de guerra*... revela-se-lhe ainda como um meio da justiça providencial de Deus... Com efeito, num texto longo e de difícil datação que constitui uma explicação a Fr. Vicente de Lisboa sobre os modos e alcance dessa justiça, o «Sapateiro Santo» revela, em síntese, que a peste e a fome de 1567/1569 foi o *castigo dos pobres humildes e peões, já que os que os fidalgos, os ricos e os pode-*

⁶⁴ P. Roiz Soares no seu inesgotável *Memorial* traz alguns (Conf. ed. cit. pág. 87,90); em *Anedotas Portuguezas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista. Istórias e Ditos Galantes que sucederão e se disserão no Paço* (ed. de Christopher C. Lund), Coimbra, Liv. Almedina, 1980, cap. XV-XX (pág. 51-57) podem ler-se outros e confirmar-se alguns; mas José Pereira Bayão no *Portugal Cuidadoso e Lastimado com a Vida e Perda do Senhor Rey Dom Sebastião...*, Lisboa Occidental, Antonio de Sousa da Sylva, 1737, V, 27, traz mais algum respigado nem sempre de fonte insuspeita..., mas que, mesmo assim, convirá algum dia estudar.

⁶⁵ Soares, P. Roiz, *Memorial*, ed. cit., pág. 102: «...pois ver a confusão de todos e de todas se salvaria seu marido, seu filho, seu parente ou sestarião cativos por até então nãoa-ver serteza de nada, aqui vos digo que não ficou feitiseira nẽ beato nẽ beata que não viesse à baila, mas como sanbechugas chupavão as donas, as fidalgas de maneira que ficou sendo o pentecoste das feitiseiras que ate ao alyube as hião buscar, vede o arteficio de mentiras que nesta meada andaria...».

⁶⁶ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 90. Sobre estas orações públicas podem ver-se, Soares, P. Roiz, *Memorial...*, ed. cit., pág. 70; Cruz, Fr. Bernardo da, *Chrónica d'ElRey D. Sebastião*, I, 10, ed. cit., pág. 51; Veloso, Queirós, *D. Sebastião...*, ed. cit., pág. 201 n.º 17.

⁶⁷ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 91.

⁶⁸ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 91.

rosos escaparam deste incêndio commum sãos e salvos, sem lezão, como se foram innocentes, huns em suas quintas, outros em suas comendas, outros em vários lugares distantes da cidade aonde o mal da peste lhe não chegou... Contudo, como *Deos he justo* e não respeita a pessoas..., não respeita a nobreza nem fidalguia..., para esses, para essa gente poderosa e ilustre está esperando outro castigo de que não há-de escapar ⁶⁹... A certeza da guerra — uma guerra providencialmente igualadora dessas diferenças sociais que adjectivos e meios de fuga, conlevando uma certa crítica, evidenciam — tornou-se-lhe cada dia mais evidente — *cada vez lhe parecia que se vinha mais chegando* ⁷⁰... — a ponto de proclamar que em tal já não avia mais que falar, nem esperar, que cada hum apparelhasse sua alampada, que o trabalho avia de vir cedo ⁷¹... É, como sugerimos, esta premência de a todo custo tentar afastar o castigo que leva Simão Gomes, pouco antes de morrer, por conselho de *hum padre da Companhia a quem elle tinha respeito* ⁷², a procurar avistar-se com D. Sebastião que, por esses dias estava em Belém... Em vão. Agora, o profeta que o rei tinha chamado a Conselho..., com quem conversara horas dentro da cortina da capela real..., que lhe tinha facilmente despachado mercês para outros..., que o honrara de sobremaneira ao fazê-lo sentar em cadeira diante de si..., não encontra entrada junto do rei..., agora o profeta via-se rejeitado... A Simão Gomes, que funciona aqui — uma vez mais — como um argumento contra os preparativos alvoroçados e desconexos da segunda jornada de África, não cabe, então, mais que constatar: *Padre, por demais he procurar que isto não seja, que há-de ser. E o castigo há-de vir e cedo* ⁷³... Tudo, como se sabe, se precipitou e nem a prudência dos homens nem a palavra dos pregadores ⁷⁴, nem as ameaças de Deus

⁶⁹ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 88-89.

⁷⁰ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 93.

⁷¹ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 93.

⁷² Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 93.

⁷³ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 93-94.

⁷⁴ De uma nota de João Pereira Gomes in *Os Professores de Filosofia da Universidade de Évora*, Évora, Câmara Municipal, 1960, pág. 80 pode deduzir-se que o P. Inácio Martins teria contrariado (pregando?) contra a segunda jornada de África, o que lhe valeu o desterro para Coimbra. Curiosamente, F. Rodrigues na *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal* (II, 2, pág. 352-356) não refere, salvo erro, esta nem outras oposições à segunda jornada. Sobre a oposição de Luís Gonçalves da Câmara, S. J., à primeira jornada podem ver-se, Veloso, Queirós, *D. Sebastião*..., ed. cit., pág. 205, 206 e Loureiro; F. Sales, *D. Sebastião*..., ed. cit., pág. 158. Será, porém, interessante apontar, como confirmação dessa oposição que pode deixar entrever outras do mesmo género, que Miguel Leitão de Andrade na sua *Miscelanea do Sítio de N. S.ª da Luz de Pedrogão Grande* (Lisboa, 1629) traz uma *Carta de Aviso a El-Rey D. Sebastião sobre a Jornada de África que hum dia lhe meteo na mão o Padre Mestre Ignacio Martins, da Companhia de Jesus, e havido por Santo... pedindo-lhe que a lesse*... (ob. cit., ed. Lisboa, Imprensa Nacional, 1867, pág. 149-155).

pela boca do seu profeta conseguiram demover o rei de um reino que já experimentara, em vão, *fames e pestes* e que, em vão, talvez, igualmente, iria experimentar *gladius*..., a trilogia organizadora da palavra inspirada de Jeremias... De qualquer modo, se a inspiração divina revelando-se-lhe na urgência da sua sede de justiça lhe ditou essa tentativa de abordagem de Sebastião, o discurso dessa urgência também nos terá tornado evidente não só a preocupação moral da pregação de Simão Gomes por onde perpassa um constante apelo à *emenda*, mas também como esse discurso se constrói cada vez mais sobre um certo catastrofismo plasmado em imagens e símbolos relativamente precisos — a *rede*, também dita *rede varredoura*..., a *espada de fogo*..., e, mais adiante, o *raio de fogo*... e a *águia*... É este recurso a um catastrofismo moralístico, não propriamente apocalíptico, um modo profético bem conhecido do Outono do Renascimento e, geralmente, esteve em relação com situações políticas dramáticas e, naturalmente, polémicas ⁷⁵... E é, precisamente, uma vasta polémica o que ouvimos através das profecias do «Sapateiro Santo»..., uma polémica que os documentos das chancelarias — os únicos que, geralmente, costumam ser reconhecidos como documentos — atestam, mas de que só tenuamente deixam perceber todos os argumentos e toda a emoção e, neste caso, todas as angústias... Simão Gomes, sapateiro..., frequentador de círculos populares devotos..., fiel servidor da Companhia de Jesus, do cardeal Henrique ⁷⁶ e da alta nobreza..., ouvido pelo rei..., permite-nos escutar de outro modo as angústias e contradições que, para quase todos, envolvia a aventura que se decidiu em Alcácer-Quibir....

Deixámos, precisamente, para o fim algumas profecias não exactamente datadas, mas de que certas (3) se verificaram antes de 1625 e algumas outras (2) que parecem ter ficado em aberto...

A primeira diz respeito ao P. Inácio Martins, o célebre pregador real e *devotíssimo amigo* de Simão Gomes... Como este lhe tinha profetizado, o jesuíta viria a trocar a sua fama de pregador pela cana da «Doutrina» pelas ruas de Lisboa em 1581 ⁷⁷... Não deixa de ser curioso e um ponto a investigar que tenha sido depois da chegada de Filipe II que o

⁷⁵ Niccoli, O., «*Prophetie di Musaico*». *Figure e Scritture nella Venezia del Cinquecento in Forme e Destinazione del Messaggio Religioso. Aspetti della Propaganda Religiosa nel Cinquecento Italiano* (a cura di A. Rotondò), Firenze, Leo O. Olschki Ed., 1991, pág. 197-227 (espec. pág.157); Kagan, Richard L., *Los Sueños de Lucrecia*..., ed. cit., pág. 91, 95, 115.

⁷⁶ Não deixa de ser curioso notar que o «Sapateiro Santo» pode (hoje?) ser visto como um dos traços de união de um meio espiritual — e, talvez, político — de solidariedade reformadoras bem conhecidas, embora ainda não muito bem estudadas, em que se inseriam o cardeal Henrique, a jovem Companhia de Jesus (S. Gomes fora confessado do P. Leão Henriques que também era confessor do cardeal), Luís de Granada (padrinho de Doutoramento de Inácio Martins, insigne protector de S. Gomes), Bartolomeu dos Mártires, etc..

⁷⁷ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 14, ed. cit., pág. 80-81.

ramosíssimo orador que, talvez pela experiência colhida durante o acompanhamento de Sebastião em 1574 a África, nunca foi favorável à segunda jornada — o que lhe valeu o desterro para Coimbra em 1576 ⁷⁸ —, cumprindo a profecia do «Sapateiro Santo», tenha trocado o púlpito pela «Doutrina», actividade em que se celebrou a ponto da *Doutrina Cristã* (1566) do P. Marcos Jorge ser mais conhecida como a *Cartilha* de Padre Inácio Martins ⁷⁹....

É para o mesmo contexto posterior a 1580 que remete ainda a verificação das outras profecias deste grupo. A segunda, se a narrativa for absolutamente segura, será anterior a 1575, data da morte do Doutor Diogo Paiva de Andrade, o célebre pregador e teólogo de Trento, que *conversava familiarmente* com Simão Gomes e tinha em alto conceito a sua sabedoria, tal como o seu homónimo sobrinho que no *Casamento Perfeito* (1630) exemplificará com a paradigmática paciência com que o *nosso varão insigne* sofria as impertinências da mulher ⁸⁰... Com efeito, *pessoas dignas de crédito sabiam que o teólogo perguntara hum dia a Simão Gomes que via e savia de novo neste reyno e lhe respondera: Senhor, vejo naquelle castello de Lisboa hũa águia com duas cabeças, ao que o Doutor Paiva espantado respondera: Como assi? Isso são armas de Castella. E elle acudira: Senhor, si, que ahi hão-de estar pelo tempo que Deos quizer*. Em outra ocasião, precisando um pouco mais a revelação, *acrecentou que via hum rayo de fogo entrar por a barra dentro e declarou serem as galés de Hespanha* ⁸¹.... Se a evidência do conteúdo que sublinha, de outro modo, o dramatismo desses dias, não merece mais comentários que o seu registo, os símbolos utilizados — a *águia* e o *raio de fogo* — terão também de merecer depois algumas notas... Mas, por agora, apontemos a última profecia que poderá ir no mesmo sentido e que, talvez, possa ser a mais enigmática. Rui Dias de Meneses, personagem que não pudemos perfilar, mas que à volta de 1625 era *Secretário de S. M. neste Reyno*, ouvira dizer que Simão Gomes *profetizando certa cousa que avia de acontecer ao diante, em testemunho della dissera: E isto se verá quando esta porta de Santa Catherina da cidade se mudar* ⁸²... Não, sabemos o que fosse essa *certa cousa* e, ao parecer, também o biógrafo o ignorava,

⁷⁸ Gomes, João Pereira, *Os Professores de Filosofia da Universidade de Évora*..., ed. cit., pág. 80. Seria interessante apurar se o desterro se verificou antes ou depois da morte de Simão Gomes. Conf. nota 74.

⁷⁹ Sobre as edições da *Doutrina Cristã* do P. Marcos Jorge, v. Rodrigues, F., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*..., ed. cit., II (1), pág. 459 n.º 3.

⁸⁰ Andrade, Diogo Paiva de, *Casamento Perfeito*, Lisboa, Sá da Costa, s.a. (1944), pág. 174.

⁸¹ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 95-96.

⁸² Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 83.

pois apenas comenta: *a porta vemos bem mudada do que antes estava e assi devia de se cumprir o que elle dizia, posto que ao tempo que o disse duvidavam do cumprimento, tanto quanto não se imaginava de poder aver mudança na porta da cidade como ouve* ⁸³.... Que um português funcionário filipino não quisesse revelar o que fosse essa *certa cousa* pode compreender-se, mas que o P. Manuel da Veiga não tenha esclarecido o que conta entre as *algũas alegres e aprasíveis profecias* ⁸⁴ é um pouco mais intrigante. De todos os modos, não parece que fosse tal profecia em sentido restauracionista, pois em tal caso, como se aceitará facilmente, autores como o da *Restauração de Portugal Prodigiosa*, e o da *Crónica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*, que lembram outras do «Sapateiro Santo» ⁸⁵, não teriam deixado de a aproveitar ⁸⁶...

Por fim, assinalemos, na sequência do que tinha profetizado a Inácio Martins acerca do seu futuro como mestre da «Doutrina», o papel que a tal actividade apostólica que a Companhia de Jesus vinha intensificando desde 1561 ⁸⁷, estava reservado nas perspectivas escatológicas de Simão Gomes. Efectivamente, apesar de, como vimos, estar *este Reyno tão tanto no cabo por seus pecados, pela instrução dos meninos e moços dada pela Companhia de Jesus, ensinada nas praças e nas escolas, se deteria Deus mais tempo em Portugal*... Não é muito fácil de explicitar com rigor o que entenderia Simão Gomes por se «deter» *Deus mais tempo em Portugal*..., mas poderá sempre sugerir-se que, para além de qualquer outra interpretação de pendor mais nacionalístico, faria uma alusão aos «últimos tempos»..., dias de combate em que, aparentemente, como que os abandonando ao Anti-Cristo, dava Deus aos povos e os reinos um tempo de escolha e de aperfeiçoamento que culminaria num breve período de paz (*sabbath*) antes de Cristo voltar em glória para os julgar definitivamente... É uma plausível hipótese justificada aqui pela gratificação do zelo apostólico da Companhia, como em outras ocasiões profecias do mesmo tipo o tinham sido, por exemplo, do amor à pobreza dos franciscanos... Se assim for, seria esta a única alusão — conhecida, claro! — do «Sapateiro

⁸³ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 83.

⁸⁴ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 15, ed. cit., pág. 83.

⁸⁵ Almeida, Gregório de, *Restauração de Portugal Prodigiosa*, I, 19 que citamos pela ed. de Lisboa, Manuel Soares Vivas, 1753, pág. 81-84, cuja lição apresenta alguns retoques, acrescentos e ponderações que, evidentemente, não se têm no *Tratado da Vida*...

⁸⁶ Telles, Baltasar, *Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal*..., II, 5, 46, ed. cit., pág. 472. Deve notar-se a favor do que sugerimos sobre a não coloração sebástico-restauracionista do *Tratado da Vida*... que Manuel da Veiga não refere essa profecia sobre o Rey no [que] se destruirá por que o começou a destruir e elle se restaurará, etc. por certos canos...

⁸⁷ Rodrigues, F., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*..., ed. cit., II(1), pág. 458-466.

Santo», a um tema, talvez melhor, a uma questão que obcessionou todos os profetas e todos os comentadores do *Apocalipse*, como por exemplo — escolhemos ainda um jeusíta — o P. Brás Viegas nos seus *Commentarii Exegetici in Apocalypsim* (Évora, 1601)⁸⁸ em que, curiosamente, não engeita que se possa aplicar à sua Companhia o que vaticinou Joaquim de Flora sobre o *ordo novus* que reformaria os *dies novissima*⁸⁹... Seria, assim, nesses «tempos» que Deus manifestaria, por intermédio desse *ordo novus*, uma especial protecção a Portugal dando-lhe, apesar de estar, como veremos, *corrupto e podre*, como que mais tempo para a emenda ... Compreender-se-iam, assim, melhor os constantes apelos à *conversio* — que deviam ser explicitamente dramáticos na sua *Lamentação* sobre Lisboa — e muito melhor ainda os conselhos veementes à pregação «eficaz» por parte da Companhia.

Terá algum interesse analisar, ainda que brevemente, algo que, já aludimos por diversas vezes: essas imagens que em alguma ocasião são símbolos, que o «Sapateiro Santo» utiliza nas suas profecias. Em linhas gerais, essas imagens quase sempre organizam, como que as condensando, as predições de carácter não individual, isto é, as que concernem à cidade de Lisboa... e ao Reino... Como estaremos recordados parecem, a julgar pelos casos conhecidos, ter sido mais abundantes nos últimos anos de vida de Simão Gomes..., mais precisamente, talvez, entre 1574 e 1576. São elas, como sabemos já, a *rede* — alguma vez também chamada *rede varredoura*, isto é, de malha muito estreita e apertada para não deixar escapar os peixes miúdos, — a *espada de fogo* ..., o *raio de fogo*... e a *águia*... Como Simão Gomes não sabia ler, temos de partir do princípio que sabia ouvir..., sem esquecer que o ouvir foi sempre o sentido por excelência da Fé oposto ao olhar que pode deter-se sobre o livro (da Ciência)... Talvez, por isso foi sempre o privilegiado sentido da cultura dos humildes, dos pequenos, dos pobres..., dos populares... O texto das profecias deste sapateiro que, tal como nunca quis deixar seu ofício, nunca quis saber ler revela-nos, mesmo assim, que soube manejar certas imagens «literárias» eruditas — bíblicas ou iconográficas — que nem sempre estariam, tanto quanto é possível controlá-lo, popularizadas.... Não aparecem, por

⁸⁸ Viegas, Brás, *Commentarii Exegetici in Apocalypsym Ioannis Apostoli*, Évora, Manuel de Lyra, 1601, em variadíssimos lugares que podem consultar-se através do índice «sub voce» Anti-Christus e muito especialmente todo o cap. XIII: Comment. 2. Sect. 1-17, *De AntiChristo*, pág. 21-742. Reeves, M., *The Influence of Prophecy in the Later Middle Ages*..., ed. cit., pág. 279, 280 chamou a atenção para esta obra que conheceu 11 edições até 1617. Sobre o autor a *História da Companhia de Jesus na Assistência em Portugal*..., ed. cit., II(1), pág. 402-404 e II(2), pág. 124-125.

⁸⁹ Viegas, Brás, *Commentarii Exegetici in Apocalypsim*..., Cap. III, Comm. 2, Sect 3, ed. cit., pág. 198.

exemplo, nas compósitas *Trovas do Bandarra* e, por outro lado, tal como o «bando profético» medieval — as Sibilas..., Merlim..., o Ps. Joaquim de Flora..., Santa Hildegarda..., Santa Brigida... — ou elaborações e descendências de escritos «proféticos» de Arnaldo de Villa Nova, também o bestiário vulgarizado pela profecia popular desde a Idade Média e que é fácil reconhecer através dos estudos de Pere Bohigas i Balaguer⁹⁰ e A. Milhou⁹¹, de J. Gimeno Casaldueiro⁹², de O. Niccoli⁹³, não parece tenha sido utilizado por Simão Gomes.... Não há leões..., porcos..., grifos..., dragões..., morcegos..., lobos..., cordeiros... E por muito que apreciemos correr a arriscada aventura de descobrir marcas autobiográficas em qualquer texto, pensamos que teremos de renunciar a ver nessa *rede* ou na *rede varredoura* qualquer reminiscência do *pío intento* com que, *sendo ainda de muy pouca idade*, ia, para ajudar à pobreza de seus pais, *lançar no rio hum covam de que ás vezes trazia peixe para comerem....* As outras imagens prestar-se-iam ainda pior a tal aventura interpretativa. Com efeito, no seu preciso significado contextual a *rede* e a *espada de fogo*, o raio de *fogo* e a *águia* derivam seguramente do seu conhecimento do texto bíblico..., mais precisamente das profecias de Jeremias, texto que lhe terá sido relativamente familiar, pois segundo o seu «criado» Fr. Vicente de Lisboa que lhe escreveu⁹⁴, teria Simão Gomes composto à imitação dos *Trenos* desse profeta uma *Lamentação* sobre Lisboa⁹⁵.... Poderíamos mesmo suspeitar que quem lhe escrevia também lhe lia... Por outro lado, o «Sapateiro Santo» elevado a profeta de corte organiza a sua palavra inspirada de apelo à emenda (*reformatio*)..., à conversão... em torno das ameaças de *fames*, *pestes* e *gladius*, isto é, das *plaga pessima* do profeta vetero-testamentário. Com efeito, Jeremias no seu texto propriamente profético declara: *laqueos absconderunt pedibus meis* (18,22) e nos *Trenos* (I,13) Jerusalém pela boca do seu profeta, lamenta-se, porque Deus *expandit rete pedibus meis*... Notemos, porém, que a *rede* ou *laço* em qualquer

⁹⁰ Bohigas y Balaguer, P., *Profecies Catalanes dels Segles XIV i XV. Assaig Biografic* in B.B.C., VI (1925), pág. 24-49.

⁹¹ Milhou, Allain, *Le Chauve-Souris, le Nouveau David et le Roi Caché (Trois Images de l'Empereur des Derniers Temps dans le Monde Ibérique: XIIIe-XVIIe S.)* in *Mélanges Casa Velazquez*, XVIII (1982), pág. 61-78. Não será inoportuno chamar aqui a atenção para este trabalho fundamental que urge ter sempre presente quando, a propósito de sebastianismo, se fala de política de resistência e de oposição aos Filipes no mundo ibérico.

⁹² Gimeno Casaldueiro, J., *La Profecía Medieval en la Literatura Castellana y su Relación con las Corrientes Proféticas Europeas* in N.R.F.E., XX (19), pág. 65-89.

⁹³ Niccoli, O., «*Prophetie di Musaico*». *Figure e Scrittura Gioachimite nella Venezia del Cinquecento...*, ed. cit., pág. 204, 205.

⁹⁴ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 86.

⁹⁵ Veiga, M., *Tratado da Vida...*, I, 15, ed. cit., pág. 86.

obra de iconografia, como, por exemplo, a de C. Ripa⁹⁶, significam engano... insídia... e, por isso, a *rede* ou, numa quase intensificação, a *rede varredoura*, de que fala Simão Gomes para traduzir o castigo que espera aos ricos, grandes e poderosos, representa tanto o engano moral (*politicus*, também) em que todos se deixaram envolver como, em consequência, a malha de guerra da qual, cercados e colhidos, nenhum poderá escapar... Assim, estes ricos, grandes e poderosos cairão nas malhas da sua própria rede e rede própria — a guerra —, já que todos, com mais ou menos direitos, mas, para a profecia, com as mesmas ambições, se identificavam ou queriam identificar-se ou serem identificados com essa nobreza que, para esses dias, ainda se auto-representava — e, talvez, com um certo exacerbamento (pensemos nas galas da partida...) nestes dias de preparativos da jornada em África — como gente de armas..., como cavaleiros... Um modo de, com propriedade, confirmar uma certa crítica que, desde outra perspectiva, já sugerimos.

A *espada de fogo* que não é absolutamente necessário identificar com qualquer preciso cometa, que viu sobre Belém numa época em que o rei lá se encontrava, se bem que uma imagem-símbolo muito mais vulgarizada e ainda tão frequente nos começos do século XVII como sinal calamitoso, inclusivamente através da gravura⁹⁷, terá aqui, porém, igualmente origem no *gladius* que Jeremias brande constantemente diante de um Israel impenitente como ameaça de uma guerra destruidora...

O *raio de fogo* que, segundo o profeta português, significava as galés de Espanha, pode, cremos sem qualquer violência, actualizar num contexto a que um certo século XVI humanista não era estranho ao repensar as modernas armas de fogo, o de *excelso misit ignem in ossibus meis et erudit me...* em que o profeta bíblico nos mesmos versículos dos seus *Trenos* (I,13) continua a comentar as lamentações futuras de Israel assolado pela guerra... Se, contudo, diante dos insistentes apelos de Simão Gomes à *emenda...*, à conversão, não esquecermos que o raio de fogo é, na representação iconográfica dos flagelos de Deus, o elemento que traduz o castigo fulgurante daqueles que obstinadamente perseveram no

⁹⁶ Dada a complexa questão das edições da *Iconologia* de C. Ripa, recorremos à tradução comentada que da edição de 1613 (Siena) ofereceram Juan e Yago Barja, Madrid, Akal, s.a. (1987) que, em algum caso, completamos com a edição «essencial» do texto italiano preparada com base na de 1618 por P. Buscaroli (com notável prefácio de M. Praz, Mestre destes estudos), Milano, Tea Arte, 1992. Assim, para *Engano e Insidia* conf. *Iconologia*, Madrid, Akal, 1987, pág. 340 e 530 respectivamente.

⁹⁷ Algum exemplo doméstico, ainda que um pouco tardio, pode ver-se no *Memorial* de P. Roiz Soares (ed. cit., pág. 502-503). O. Niccoli in *Profezie e Popolo nella Italia del Rinascimento...*, ed. cit., pág. 88-89 *et passim* chamou a atenção para a rapidez com que tais gravuras e notícias circulavam em Itália e na Europa renascentista.

pecado⁹⁸, talvez nos escape um pouco menos a força que um tal sinal imprimiria à urgente palavra do profeta.

Por fim a *águia*... Se Simão Gomes tivesse conhecido uma obra como o *Physiologus*... poderia saber que a águia não só simbolizava a contemplação dos mistérios de Deus que rejuvenesce a alma como também, ambivalentemente, traduz, muitas vezes, uma referência ao mal⁹⁹... É, então, essa ave imunda..., rapaz, soberba que se alimenta dos restos dos mortos... O «Sapateiro Santo» não leu certamente essa enciclopédiazinha medieval..., mas para estes últimos sentidos também dela não precisava... O *Levítico* (11,13) e o *Deuteronomio* (14,13) apontam-nos exactamente e seu Jeremias tanto nas suas profecias propriamente ditas (49,16; 49,22) como nos seus *Trenos* (4,19) trá-la como imagem de destruição.... Precisa-mente neste último passo — *velociter fuerunt persecutores nostri aquilis caeli*... — traduz tanto a iminência do castigo como a sua rapidez devastadora... Parece evidente que tal contexto serve muito melhor o «texto» de Simão Gomes que, pese a «simplificação» a que foi submetida por algum intérprete de profecias peninsular, a águia de três cabeças e doze asas do *Livro IV* (XI-1-46) de Esdras.

Será, porém, importante anotar que não foi Simão Gomes quem na sua profecia forneceu directamente a chave da interpretação dessa águia de duas cabeças que via poisada no castelo de Lisboa, símbolo maior do poder militar e da resistência política do Reino... Na verdade, foi o Doutor Paiva de Andrade quem forneceu essa interpretação heraldicamente esclarecedora, já que a águia bicéfala era a águia do império de Carlos V que os Austrias de Espanha continuavam... Foi ele, e não o profeta, quem deu forma política ao mal..., à calamidade vaticinada... E isto antes de ou durante 1575... o que, talvez, confirme que por essas datas de intensos preparativos de guerra a angústia nacional de uma união dinástica com Espanha se configurava no horizonte de alguns círculos cortesãos em que Simão Gomes, ao seu nível, deve ter passado, voluntária ou involuntariamente, por um centro, não já como uma longínqua hipótese ou renovada a ameaça, mas, muito mais dramaticamente, como um inevitável e iminente castigo de um reino obstinado em que *os peccados iam cada vez mais em aumento e que*, são ainda palavras de Simão Gomes, *estava corrupto e podre por dentro com toda a espécie de vícios*..., como uma vinha toda

⁹⁸ Ripa, C., *Iconologia*, Milano, Tea Arte, 1992, pág. 141-142.

⁹⁹ Citamos por *El Fisiologo (Atribuido a San Epifanio)*, ed., de S. Sebastián e trad. de Francisco Tejada Vizuete, Madrid, Ed. Tuero, s.a., (1986), pág. 39-43. A. Placanica, *Segni dei-Tempi*..., lembra, entre outros, a espada de fogo..., o raio..., a águia... como elementos importantes e tradicionais em *la segnica d'antico Regime* (ob. cit., pág. 191-226; conf. ainda, pág. 143, 144).

infructuosa onde não há cepa nova de esperanças que brote e arrebente com novas varas... porque os moços que ouveram de dar de si boas esperanças com a boa criação e santos costumes são já velhos em pecar ¹⁰⁰... *Com a própria virtude deste tempo não [estava] Deos bem com ella, porque não estranha nem cobra asco aos pecados que vê e encontra..., quer dizer uma virtude que andando entre cães e alimárias mortas não vira o rosto nem tapa os narizes... hé [uma] virtude fraca e grosseira e sinal de estar muyto no cabo e muyto perto de espirar* ¹⁰¹....

Se as imagens referidas, que certamente representam uma selecção ou das testemunhas ou do biógrafo, não fazem muito mais do que explicar, tornando mais premente e ameaçador, esse profetismo catastrófico de carácter moral e, por esses dias, de evidentes implicações políticas que já sublinhámos, a compreensão das suas origens bíblicas e das suas conotações com uma erudição iconográfica relativamente vulgar, isto é, a compreensão do seu contexto literário, talvez nos lembre, para além da consabida atenuação das diferenças entre o erudito e o popular nestes domínios culturais ¹⁰², o enorme peso que num compacto entorno contra-reformístico as coincidências de linguagem juntariam a essa visão negra do estado do Reino...

Por outro lado, na sequência de alguma alusão já feita, convirá sublinhar, pondo-as em relação com os apelos à *emenda*, que nessas reflexões perpassa o sentimento (ou mesmo a convicção) de que esse reino *corrupto e podre*..., sem esperanças de *varas novas* vive, como os outros (se for aceitável a interpretação que propusemos) o seu «último tempo»... O último tempo «moral» — que, talvez, a julgar pelo que do seu *incipit* conhecemos, viria exposto na jeremianiana *Lamentação* sobre Lisboa — *doublé* do «último tempo» político? É possível, e nesse sentido poderiam ver-se interpretadas visões como a da águia imperial de Espanha sobre o castelo de Lisboa... De certo modo, violentando um pouco os textos de Simão Gomes e os comentários do seu biógrafo, poderia mesmo sugerir-se que, numa perspectiva ainda de origem bíblica, a iminência do fim do «tempo» político vinha como que preparada e, logo, apressada pela chegada do fim do «tempo» moral..., dos «últimos tempos» de que eles, afinal, (apenas metaforicamente?) são «perspectivas» escatológicas... e que, como sempre, abriam para um «tempo» de *emenda*, isto é, de «reforma» (individual ou colectiva) que sempre conleva a *paenitentia*... e se traduz em uma *nova idade*... Os fins dos fins... De qualquer modo e quaisquer

¹⁰⁰ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 14, ed. cit., pág. 178-179.

¹⁰¹ Veiga, M., *Tratado da Vida*..., I, 14, ed. cit., pág. 179.

¹⁰² Niccoli, O., *Profeti e Popolo nell'Italia del Rinascimento*, ed. cit., pág. 5, 121, 161.

que fossem as respostas à urgência da «conversão» como fundamento de uma *renovatio* eficaz no quadro da *historia salutis*, essa proclamada iminência do fim de um imediato mundo português não podia deixar de ser dramaticamente inquietante.

Curiosamente, muitos, mas não Simão Gomes, falaram, desde então, abertamente em decadência..., como por exemplo, já em 1611, um António Carvalho Parada que identificava *esse tempo em que a florente planta d'el rey dom Sebastião queria começar a encher o mundo com as esperanças verdes e nunca maduras de hum novo imperio, a que se seguiu o lastimoso caso da sua perdição, entrando o miserável reino em novas desventuras que nunca nelle acabarão, faltando em alguns a fé, em muitos as virtudes e em quasi todos o antiguo zelo do culto divino e honra militar, quando os vícios mais authorizados e respeitados se fortalecem em aquelles que mais os deviam estranhar* ¹⁰³..., o identificava, dizíamos, com a *nossa idade de ferro... na tarde do mundo já cansado e debilitado* ¹⁰⁴... Teremos notado que Simão Gomes, embora, talvez, desde um ponto de vista que sublinharia o aumentar da *iniquitas* e o arrefecer da *charitas* que preludiam a *consumatio saeculi*, (Mt. 24,12) não teria desdito alguns elementos desta elaboração do velho tópico do *mundus senescens* ¹⁰⁵ feita por um dos futuros doutrinários da Restauração, mas a esta visão absolutamente desencantada só o profeta poderia opor, apesar de tudo, a sua certeza de que, no fim, graças, antes de mais à acção da Companhia de Jesus, *Deus permaneceria mais tempo em Portugal...* Um *mais tempo* para a *emenda* e, logo, anúncio de essa *idade nova* a que já aludimos?... ¹⁰⁶ É possível. De todos os modos, foi esta certeza que lhe terá sido fatal em 1768...

¹⁰³ Parada, António de Carvalho, *Diálogos sobre a Vida e Morte do muito Religioso Sacerdote Bartolomeo da Costa, Thesoureiro Mor da Sé de Lisboa*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1611, III, pág. 16v.

¹⁰⁴ Parada, *Diálogos sobre a Vida e Morte... Bartolomeo da Costa*, ed. cit., III, pág. 16r.

¹⁰⁵ Sobre este importante tópico cultural pode ver-se a já clássica nota de Micoli, G., *Excursus: Mundus Senescens in Chiesa Gregoriana. Recherche sulla Riforma nel Secolo XI*, Firenze, Nuova Italia, 1966, pág. 301, 303; Croco, A., *Gioachino da Fiore e il Gioachimismo*, Napoli, Liguori Ed., s.a. (1976), pág. 32, 79, 185. A elaboração quase polifónica do velho tópico em função de «reforma» pode ver-se em G. Ruggieri, *Il Ricorso alle Tematiche Escatologiche nell' Epistolario di Pier Damiani* in A.A.V.V., *La Cattura della Fine, Variazioni dell' Escatologia in Regime di Cristianità*, Genova, Marietti, s.a. (1992), pág. 39,62. Não nos foi possível consultar o trabalho de Bartelink, G. J. M. in *Hermeneus*, 42 (1970/1971), pág. 91-98.

¹⁰⁶ Naturalmente, verificar-se-ia, assim, a tradicional ambivalência entre «espera do fim» e «espera de uma nova idade», isto é, a concepção da *Reformatio* enquanto «restauração e/ou como prelúdio do juízo final (conf. R. Rusconi, *Il Presente e il Futuro della Chiesa: Unità Scisma e Riforma nel Profetismo Tardomedievale* in A.A.V.V., *L'Attesa della Fine dei Tempi nel Medioevo* (a cura di Ovidio Capitani e Jürgen Michke), Bologna, Il Mulino, 1990,

Um profeta de corte — uma espécie perseguida, por esses mesmos dias, nomeadamente nessa Itália que tanto cultivou o profetismo político-moral de base erudita e/ou popular — que, como fomos sugerindo, se viu erguido a esse papel em razão da sua santidade — e seria interessante tentar perfilar-lhe o modelo — e da sua independência de ordens e de grupos, ainda que absolutamente contextualizada por uma Companhia de Jesus ainda jovem e também ainda não compactizada... As suas relações com a corte — do rei aos altos senhores civis e eclesiásticos — parecem ter-lhe aí conferido um relativamente destacado papel cujos limites cronológicos haveria que precisar mais rigorosamente... Antes de mais nos apelos à reforma de vida, à conversão... Só lentamente deverá ter-se transformado ou ter-se visto transformado em profeta escutado ... e depois *non grato*, quer dizer, que contrariava os planos político-guerreiros do rei e da sua corte... Com efeito, para além dessa imediata oposição, ao não secundar, autorizando-a com a sua voz (antes proclamando-a *cartigo de guerra* para os portugueses), essa grandiosa campanha contra o turco, esse inimigo a quem, em outras ocasiões, como em Mazagão ou em Malta, tinha já, como vimos, prenunciado a derrota, o profeta estabelecia, quase automaticamente, um contraste — pessoal e político — do rei com a história... Um contraste «injusto» e, talvez, mesmo «chocante», pois Sebastião seria (como foi) o primeiro (e ao parecer único) monarca cristão que, em tempos modernos, se propunha a avançar (e, depois, verificou-se que também pessoalmente) contra o turco..., um gesto que podia muito bem interpretar-se como de assunção individual de repetidos incitamentos de papas à guerra contra o turco e a realização de um vastíssimo *corpus* profético que anunciava, sempre como iminente, os dias de *unus pastor et unum ovile*..., perspectivas que confluindo, efemeramente, em Lepanto, não tinham tido, ainda então, outras consequências de relevo... Um pouco mais: revelava igualmente uma como que *diminutio* providencial em relação ao Reino e ao rei que, de um ponto de vista de essa obcessiva linha de esperanças nessa vitória final sobre o turco, não se podia compreender ou não se queria aceitar... Não tinha um Gaspar de Leão, por exemplo, em 1571/1572, perante as enormes dificuldades militares portuguesas na Índia, apoiado no *Apocalipse* e em outros sinais, em equilibrado exercício de fé profética e de oratória propagandística, sabido dar, no quadro dessa

pág. 195-220 (esp. págs. 211-219). Por outro lado, Simão Gomes como que propunha um «deferimento» do fim por méritos da Companhia, o que, no fundo, não era mais do que uma versão actualizada de outros «deferimentos» que alguma Idade Média atribuiu, à luz de tradições bíblicas, aos méritos dos «seus» santos, entendamos, os monges (conf. Topfer, B., *Il Regno Futuro della Libertà. Lo sviluppo delle Speranze Millenaristiche nel Medioevo Centrale*, Genova, Marietti, s.a. (1992), pág. 36.

vitória cristã da Liga em 1571, um sentido a essas dificuldades e, envolvendo o rei português, um alento a essas esperanças? O confronto e as consequências — para o profeta também — passam, cremos por evidentes... Era o destino normal de todos os profetas de corte... quando a sua voz inspirada servia para veicular, como derradeiros argumentos, as ameaças divinas de oposição a tais projectos políticos, ao mesmo tempo que evidencia como os «sinais» de destino pessoal (do rei, especialmente, neste caso) se puderam ir transformando, também aqui, em «sinais dos tempos»¹⁰⁷... O caso de Simão Gomes, um caso que hoje nos parecerá menor — se não perdermos de vista os Grandes que o consultavam, talvez matizemos tal opinião — deverá, além do mais, recordar-nos que a leitura das suas profecias, como a de quaisquer outras ou de qualquer texto, não pode prescindir do aprofundar do seu contexto cultural e, por outro lado, que, então, nesses portugueses tempos de Restelo, a polémica e a política nunca foram, como seguramente suspeitávamos, questões a resolver apenas entre heróis e velhos... Os sapateiros, quando profetas, tiveram também a sua palavra a dizer e os santos sempre tiveram razão... Ou quase...

¹⁰⁷ Kagan, Richard L., *Los Sueños de Lucrecia*..., ed. cit., pág. 210 *et passim* focou com precisão este aspecto para algum caso como o de Miguel de Piedrola...; A. Placanica, *Segni dei Tempi*..., ed. cit., pág. 162-163.

Por outro lado, deverá notar-se que se conhecemos relativamente bem actos, declarações e alcance de muitos gestos políticos e diplomáticos de D. Sebastião e da corte à volta da primeira e segunda jornada de África devido, antes de mais à investigação de Queirós Veloso e Sales Loureiro, estamos, em nossa opinião, ainda longe de perceber como tal política e tal diplomacia se pensava, isto é, em que quadros culturais se debatia e, consequentemente, que argumentos com mais ou menos coerência utilizava e que tipo de fundamentação e apoios propagandísticos lhes buscava... Por exemplo: que representavam e que representaram efectivamente obras como o *Desengano de Perdidos* (Goa, 1573) de Gaspar de Leão, saído de Portugal em 1560 e falecido em 1576, em que, quase como núcleo central do primeiro Livro dessa sua obra, aplica, actualizando-a, a Segunda Voz do cap. 18 do *Apocalipse* a Sebastião combatendo contra o Turco? Por outro lado, sabendo que correram papéis e avisos e pregações lembrando ao rei os seus deveres (Soares, P. Roiz, *Memorial*, ed. cit., pág. 18, 72-79; M. Leitão de Andrade, *Miscelânea*..., ed. cit. pág. 147-155, e Veloso, Queirós, *D. Sebastião*..., ed. cit., pág. 209-210), conhecendo profetas, como Simão Gomes, que avisavam contra a guerra é, pelo menos, estranho que não se conheçam, a não ser as literárias de Teive, Camões, etc., incitações, proféticas ou não, em verso ou em prosa, a favor dos sonhos e campanhas do norte de África. Terão realmente existido apenas «profecias» contra essas jornadas?